

O PRESTE JOÃO

mito, literatura e história

por
Maria da Conceição Vilhena*

1. A lenda do Preste João foi divulgada na Europa no tempo da 1^a. cruzada, em finais do séc. XI. A necessidade de aliados favoreceu a crença, entre os cruzados, de que iriam receber o auxílio de um poderosíssimo soberano, vindo da Ásia, e que atacaria o Islão pelas costas. Ora começara então a circular uma mensagem dirigida ao imperador Manuel Coménio, de Bizâncio, que alimentava tal esperança. Era uma carta enviada por alguém cuja grandeza assumia duas dimensões: uma sagrada, relacionada com o divino, a outra secular, em conjugação com o mais alto poder na terra - o Preste João era um rei - sacerdote cristão, um misterioso soberano, suserano de muitas dezenas de vassalos. Tão misterioso, que o seu reino se situara sucessivamente na Mesopotâmia, na China, nas Índias, na Arábia, na África Ocidental e, finalmente, na Etiópia. Nesses tempos, os conhecimentos geográficos eram ainda muito deficientes.

De esta célebre *Carta* foi conhecida uma versão em latim, a que se atribui a data de 1165, aproximadamente; e que foi traduzida para francês, em verso, por um clérigo que assinou Roau d'Arundel. Trata-se de um texto feérico, fantástico e maravilhoso, em que abundam as mais apetecíveis riquezas e os mais variados monstros. Terra de amazonas e centauros, homens anfíbeos, homens com cabeça de cão, liliputianos e gigantes, unicórnios e aves sanguíneas, leões vermelhos e verdes, enfim, tudo o que

* Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, Universidade dos Açores.

uma imaginação fértil pode criar. A que se juntam águas de fontes miraculosas; rios que nascem no Paraíso Terreal; pedras preciosas valiosíssimas e em abundância, no fundo dos rios; palácios maravilhosos, milhares de cavaleiros, comida para toda a gente, bem-estar e felicidade. Fantástico e maravilhoso, hipérbolico e exótico, numa deliciosa amálgama. Numa tentativa de regresso a um mundo paradisíaco.

Desta *Carta*, são conhecidas uma centena de versões manuscritas, em diversas línguas, cada uma aí intercalando o que lhe parecia mais conveniente. Por isso, no reino do Preste João, além de ouro e pedras preciosas, há a famigerada pimenta, fonte de um comércio enriquecedor. À procura da pimenta se arriscava a vida por mares tenebrosos. A terra do Preste João não podia ser só luxo, mas também ocasião de bons negócios. Se é certo que os cruzados respondem ao descalabro das suas investidas com um sopro de profetismo, também é certo que os seus senhores não descaram os interesses materiais.

2. O texto francês da *Carta* encontra-se em colectâneas de *Literatura Francesa Medieval* e é considerado como um “romance cortês”. Com efeito, o Preste João aparece-nos aí com o esplendor e a grandeza dos heróis da canção de gesta, que, mais brandos e mais requintados, passam depois para o romance cortês: Alexandre da Macedónia, Heitor, Eneias, Carlosmago ou o rei Artur e os seus cavaleiros.

La Lettre du Prêtre Jean revela um fascínio pelo Oriente misterioso, idêntico ao que se encontra na canção de gesta *Pélerinage de Charlemagne*: aquele mundo feérico onde até os arados são de ouro e prata, onde o marfim, o mármore, as gemas, se encontram em profusão. Tudo é luxo, grandeza, esplendor. É assim o palácio do imperador de Constantinopla, onde foi recebido Carlosmago; é assim o palácio do Preste João. Igualmente se assemelham os animais fabulosos, os frescos exóticos e os milhares de cavaleiros ao serviço do imperador.

O romance cortês, na 2ª. metade do séc. XII, corresponde a uma evolução da classe social, em que, ao ideal cavaleiresco, se associa o gosto pelo requinte, pelo prazer e pelo conforto. O Ocidente quer o apoio militar do Preste João; mas, nesta carta, não o retrata como um guerreiro furioso, rude e sanguinário: Mostra-no-lo, sim, num universo pleno de maravilhas e doçuras. A *Carta* é um texto literário, composto de acordo com os cânones de então.

A esta primeira versão francesa (tradução em francês contemporâneo por André Chastel), outras se seguiram, com alterações. O Pe.

Domingos Maurício, no seu artigo *A 'Carta do Preste João' das Índias*, apresenta uma versão, que supõe ser de meados do séc. XIII, mas que foi impressa à volta de 1488. Trata-se de uma edição francesa de Antoine Caillaut, livreiro de Paris entre 1483 e 1506. Pela alusão odiosa que nela se faz aos Templários, lembrando ao rei de França que deve condená-los à morte, podemos calcular a sua data aproximada. A Ordem dos Templários, fundada em 1199, foi inicialmente bem vista por papas e reis. Tendo-se tornado, porém, uma potência financeira assustadora, e sendo acusada de práticas imorais e desmedida ambição, começaram os templários a ser vítimas de ódios e perseguições, sobretudo por parte dos reis. Pelo que Filipe o Belo (1285 - 1314) decidiu extinguir a ordem, processo que decorreu entre 1307 e 1312. Poderemos, pois, atribuir a esta versão uma data de finais do séc. XIII. Todavia é sempre difícil fazê-lo, uma vez que era frequente a prática das interpolações. Podemos supor que a divulgação da lenda se fez, sobretudo, através das versões francesas da carta apócrifa. Doutro modo, porque se teria mantido a designação de *Preste*? Seria lógico que, ao ser a carta traduzida para outras línguas, o termo francês arcaico *preste* (actual *prêtre*) tivesse sido substituído pelo vocábulo que, nessas línguas, designaria *padre ou sacerdote*.

3. Segundo o Pe. Domingos Maurício, no referido artigo, os portugueses parece não terem dado importância à célebre *carta*. Sabemos, todavia, que ela foi conhecida no nosso País (Armando Cortesão, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. I, p.257 e segs., 1969); e é mesmo bem possível que os portugueses a tenham conhecido desde cedo, pois a origem da lenda está ligada ao Papa Calixto II, segundo a notícia anónima *De adventu patriarchae Indorum ad urbem sub Calixto papa secundo*. Este Papa terá recebido a visita de um prelado indiano chamado João, que terá falado de conversões e milagres acontecidos junto ao túmulo de S. Tomé, próximo de Edessa. As circunstâncias políticas de então terão proporcionado e favorecido a elaboração da lenda, divulgada através da carta apócrifa. Ora Calixto II (1119 - 1124) era Guy de Borgonha, irmão de Raimundo que desposara D. Urraca de Castela; era portanto primo do Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques. Em 1108, quando Guy era arcebispo de Vienne (França), esteve de visita na corte de Leão. Depois de sagrado papa, Calixto II elevou Santiago de Compostela, que visitara, a sé episcopal; e, mais tarde, ofereceu a este santuário o seu *Codex Calixtinus*. A Calixto II se atribui a autoria de uma parte do *Liber*

Jacobi, onde se contam os milagres realizados pelo apóstolo Tiago. Estando Calixto II tão ligado à Galiza, no tempo em que os navios dos cruzados bordejavam as costas ibéricas, é bem possível que alusões tenham sido feitas, em Espanha e Portugal, a um potencial aliado, para lá de Jerusalém.

Além dos membros da Igreja, também eram transmissores de notícias os trovadores, esses embaixadores andarilhos da cultura e da bisbilhotice, que frequentavam cortes e palácios. Muitos dos trovadores provençais tomaram parte nas cruzadas, como seus animadores, e puderam ter convivido com os trovadores portugueses, que sabemos terem ido em peregrinação a Jerusalém. Além disso, também devem ter tido contactos em cortes espanholas, onde os provençais vinham frequentemente e chegaram até a passar anos (Cf. M.C.Vilhena, *Rapports entre le Portugal et la Provence*, Ponta Delgada, 1984). Foi por estes contactos que os cantares de amor à “maneira provençal” e os *lais* de França entraram na literatura portuguesa; e que personagens como Carlosmagno, Rolando e Oliveiros passaram a protagonistas do nosso romanceiro popular. É certo que o Preste João não figura na nossa literatura medieval. Todavia, Luis de Albuquerque refere-se a uma versão da dita carta, em latim, num manuscrito trecentista, incluído nos códices alcobacenses, sob a epígrafe “Da Índia e dos milagres”. Nela se relatam, como em todas as outras versões, as maravilhas da corte do Preste João, citando-o logo no começo “Presbiter Johannes potentia et virtude Dei...”. Os seus territórios são muito extensos e compreendem mesmo a Índia. Pela leitura das obras sobre os descobrimentos, vemos que os mentores de tal empresa tiveram conhecimento, desde cedo, da lenda relativa ao rei-sacerdote, ou através de notícias orais, ou por esta versão da *Carta*.

4. Os portugueses procuravam o Preste João desde o Infante D.Henrique, convencidos de que o iam encontrar na costa atlântica, em África. Porém, o Preste João seria não só o senhor da Etiópia, mas também das Índias. Daí as várias referências à “costa da Guiné até aos índios” que se encontram em documentos do séc. XV. No cap. XVI da *Crónica dos Feitos da Guiné*, Azurara diz que o Infante D.Henrique, ao enviar Antão Gonçalves, em 1442, o encarregara de ir à “terra dos Negros”, e que colhesse notícias das “Índias e da terra do Preste João se ser pudesse”. De tal modo o misterioso personagem andava ligado à Ásia que, quando em 1540 o Pe. Francisco Álvares publicou o relato das suas andanças pela Etiópia,

ainda o relacionou com a Índia, ao dar o título à obra - *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*. É que os ainda deficientes conhecimentos geográficos não permitiam estabelecer uma fronteira precisa entre a África e a Ásia; daí uma certa confusão entre a Etiópia e a Índia. Nos mapas do séc. XIII esta confusão permanece; e, para Marco Polo, a Abissínia é a Índia Média, situada para os lados da Núbia. No mapamúndi dos Bórgias (1410), figura uma Índia Etiópica, a ocidente do Ganges; e na *Imago Mundi* (1410) os etíopes são chamados índios.

5. As Cruzadas, desde o seu início, haviam permitido contactos culturais muito significativos; e o Ocidente começou então a experimentar os prazeres do luxo e do requinte. Aliás Jerusalém, ainda antes da evangelização, era já um ponto de encontro e convívio de muitos povos e raças. Nos *Actos dos Apóstolos* (2, 1-11), S.Lucas, ao relatar a descida do Espírito Santo, refere-se às muitas gentes, falando as mais variadas línguas, que aí se encontravam: “Partos, e Medos, e Elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfíbia, o Egipto e várias partes da Líbia, que é vizinha de Cirene, e os vindos de Roma, tanto Judeus como prosélitos, Cretenses e Árabes”.

Segundo os Evangelhos e as Epístolas, Cristo deu ordem aos apóstolos para deixarem a sua terra e irem evangelizar todos os outros povos: “Ide por todo o mundo, pregar o Evangelho a toda a criatura (...). E eles, tendo partido, pregaram por toda a parte” (Marcos, 16, 14-20). Ora é da tradição que Tomé se dirigiu para a Ásia e terá cristianizado a Índia e a China.

De cinco dos apóstolos (Paulo, Pedro, João, Tiago e Judas Tadeu) ficaram-nos cartas destinadas a algumas das comunidades que iam fundando, situadas na actual Turquia, na Macedónia, no Peloponeso e na Frígia (Ásia Menor). Falaremos um pouco dessas comunidades cristãs dos primeiros tempos, situadas a oriente, por elas estarem de certo modo ligadas à formação e divulgação da lenda do Preste João. De S.Tomé não se conhece carta alguma. Porém, mais tarde, surgiram as *Actas de S.Tomé*, documento apócrifo que também deve ter contribuído para a divulgação da lenda. As *Actas de S.Tomé*, escritas em siríaco, foram depois traduzidas noutras línguas, sendo a versão latina do séc.VI. Nelas se afirma ter sido S.Tomé chamado por um rei parto; terá avançado depois pela Índia, que terá evangelizado. Quanto ao seu túmulo, alguns escritores situam-no em Edessa, na Mesopotâmia, outros em Meliapor, na Índia. Foi aí que Marco Polo o situou.

Essas comunidades, que se admite terem sido fundadas por S. Tomé, afastaram-se um tanto da ortodoxia cristã e nelas se desenvolveram heresias, de que hoje ainda existem reminiscências, tal como a Igreja Copta do Egipto ou a Igreja Jacobita da Síria.

E foi assim que, desde cedo, por aquelas regiões, se começaram a condenar tais desvios, em concílios. Logo, em 325, em Niceia, o imperador Constantino, coadjuvado por Atanásio (295 - 373), patriarca de Alexandria, condenava a heresia ariana. Em 431, no concílio de Éfeso, foi condenado Nestórius. Em 451, no concílio da Calcedónia, são condenados os monofisitas. É também num concílio da Calcedónia que, em 784, são condenados os iconoclastas. Apesar da condenação, e de Nestórius se ter exilado para os desertos da Líbia, a sua doutrina permaneceu em Edessa; e, aquando do edito de Zenão, em 482, o Nestorianismo alargou-se pela Pérsia. Aí se constituiu em igreja independente, sob a direcção de um patriarca intitulado *Católico*. O seu apogeu situa-se entre 750 e 1258, no tempo dos Abássidas de Bagdade. Foi ao longo da “rota da seda” que o Nestorianismo exerceu a sua actividade missionária, estando esta atestada historicamente desde o séc. IV, até à região de Madrasta. Passou pela Tartária, chegou ao golfo Pérsico, passou ao Malabar e fixou-se em Ceilão e Coromandel. À igreja nestoriana se deveu a cristianização das tribos mongóis Ongut, Naiman e Kerait. No tempo em que surgiu a lenda do Preste João, a comunidade cristã mais florescente era realmente a dos Nestorianos. Nestorius (380 - 451), patriarca de Constantinopla de 428 a 431, fora acusado de heresia, por causa da sua doutrina sobre as duas pessoas existentes em Cristo; todavia, o Nestorianismo, espalhado na Mesopotâmia e na Pérsia, através da escola de Edessa, e alargado pela Índia e China, no séc. XII teria uns 200 bispados que agrupavam dezenas de milhões de fiéis.

A opulenta Edessa foi a capital do principado cristão, fundado por Godofredo de Bulhão, após a conquista de Jerusalém, em 1099. Era um baluarte contra o Islão, mas em 1144 foi tomada e saqueada pelos turcos seljúcidas. Entrou em decadência e os Nestorianos, aos poucos, abandonaram a sua fé.

Quanto à China, está atestada a fundação de comunidades cristãs a partir de 635.

É esta a data apontada pelos actuais investigadores da História do Cristianismo, como sendo a da chegada a Xian, então capital do Império do Centro, de Alopen, o primeiro religioso nestoriano no país. A estela

encontrada em Xian em 1625, relatando, em chinês e em siríaco, a chegada, estabelecimento e doutrina dos Nestorianos, é datada do séc. VIII, do tempo da dinastia Tang (Cf. *Descoberta de uma Cruz de Ferro*, em 1627, in *Monumenta Serica*, vol. II, p.299). Aí permaneceram uns dois séculos; e pelo ano 1000 terão desaparecido.

6. Como já atrás dissemos, a lenda do Preste João terá tido como ponto de partida a existência de comunidades cristãs no Oriente. Notícias vagas e fantasiosas sobre estas comunidades chegaram a Roma, trazidas por viajantes, mercadores, aventureiros, missionários e peregrinos. Notícias que eram deturpadas e encorpadas de forma a darem peso de verdade à necessidade que a Europa cristã sentia de um apoio vindo daquelas regiões, as quais imaginava ricas e poderosas. Irmãs na fé, estas comunidades estariam igualmente assustadas com a força do Islão; e igualmente estariam interessadas numa aliança com os irmãos do Ocidente. Elas eram realmente em grande número. Não em consonância doutrinária, mas aceitando-se. Podemos reuni-las em três grupos: a indiana, a tartária e a abexim.

Na comunidade abexim do reino de Axum (Etiópia Central), havia sido adoptado o grego, no séc.III, como língua oficial. Esta comunidade era o fruto da missionação do sírio Fromentius, entre 280 e 330, que fora o seu primeiro bispo; e dependia do patriarca de Alexandria, ao tempo Atanasius, a quem competia nomear os bispos abexins. A forma de cristianismo seguida era a da Igreja copta (monofisismo ou jacobismo). Mantinham uma comunidade em Jerusalém e costumavam ir em peregrinação à Terra Santa e ao Monte Sinai, pelo que, no Ocidente, se sabia da sua existência. Porém, com o avanço do Islão pelo Mar Vermelho e a conquista da Síria e Egipto em 632-642, a Abissínia entrou num período de isolamento crescente, até ficar inacessível nos séc. XI a XV.

7. A lenda do rei-sacerdote assenta ainda noutros factos históricos. Foi um facto a derrota de Sandjar, sultão seljúcida de Korasan, em 9 - IX - 1141, na batalha de Qatwan, perto de Samarcanda. Foi seu vencedor Yeh-lu Ta-Shib, o fundador do império Kara Khitay, o Cataio Negro, situado na Ásia Central, e que as crónicas chinesas declaram budista. Os bizantinos e sírios consideravam-no cristão e identificaram-no como sendo o Preste João. O homem ideal para ajudar os cristãos teria de ser, sem dúvida, um herói guerreiro cristão vencedor de batalhas, com muitos vassallos e muitas riquezas. Daí a hesitação, a busca, as múltiplas perso-

nalidades que o Preste João vai incarnar, ora na Ásia, ora na África.

A mais antiga notícia, explícita e pormenorizada, sobre o Preste João, foi dada em Viterbo, na corte do Papa Eugénio III, em 18 - XI - 1145, por Hugo, um bispo sírio de Gabala, mas de origem francesa, que vinha pedir auxílio ao Ocidente, após a tomada de Edessa pelos infiéis, em 1144. Falou então de um grande senhor, cujo império se estendia a leste da Pérsia e da Arménia, que havia alcançado uma retumbante vitória sobre os medos e persas; e que tivera mesmo a intenção de libertar Jerusalém. Tratava-se de um rei-sacerdote, descendente de um dos Magos, cristão nestoriano, poderosíssimo. Estava presente o bispo Otto von Freisingen que ouviu toda esta história e a registou na sua *Crónica*. O bispo de Gabala (na Síria), falou de profecias segundo as quais esse rei-sacerdote esmagaria definitivamente o Islão. Profecias relacionadas com Edessa (caída nas mãos dos turcos seljúcidas no ano anterior), a que estavam ligadas algumas *estórias* cristãs; não só terá sido o primeiro estado cristão do mundo, como o seu rei Abgar V teria mantido correspondência com Cristo, a quem teria oferecido asilo, para o subtrair às perseguições dos judeus. Edessa ficou assim ornada de uma aura mítica: cidade bendita, da qual o inimigo não se apoderará para sempre.

A derrota que estes turcos seljúcidas haviam sofrido em 1141, havia-lhes sido infligida pelo rei dos Kara-Khitay (Cataio, China), de religião budista, e não por um suposto rei cristão, que teria sido o Preste João, como referia o prelado de Gabala.

Como atrás referimos, em 1122, um arcebispo das Índias, chamado João, chegara à corte pontifícia de Calixto II. Referiu os muitos milagres que fazia S.Tomé, junto do seu túmulo; e falou da conversão de muitos soberanos indianos. Estas notícias e outras do género eram divulgadas por peregrinos chegados à Terra Santa: para “além da Arménia e da Pérsia” haveria um rei cristão poderosíssimo, de quem se começava a falar por forma vaga e misteriosa. Em 1144 fora a tomada de Edessa pelos turcos seljúcidas, após quase meio século de domínio franco. A emoção é grande; e o nome do Preste João começa a ser divulgado como o de um salvador com quem os cristãos podem contar. Será ele o Gur-Khân, rei dos Qara Khitay, que em 1141 venceu o sultão Sanjar? Assim se supôs; porém Gur-Khân não era cristão. É pouco depois desta data que começam a circular pela Europa as traduções da carta apócrifa dirigida ao imperador bizantino Manuel Coménio (1143-1180). À versão em latim tem-se-lhe

atribuído a data aproximada de 1165; e foi a partir desta data que o clérigo Roau d'Arundel fez a mais antiga versão em francês. Supõe-se que uma versão em alemão terá sido enviada a Frederico Barba Roxa (1152 - 1190), por Cristiano, arcebispo de Mogúncia (1165-1183). É também por esta data que Filipe, médico particular de Alexandre III (1159-1181), terá ido em peregrinação a Jerusalém e aí contactado com abexins. No regresso falou ao papa num certo Preste João da Índia, que queria ser instruído no verdadeiro catolicismo, e que gostaria de ter uma igreja em Roma e um altar em Jerusalém. Filipe insiste para que o papa lhe escreva. Então, a 27 - IX - 1177, Alexandre III envia uma mensagem àquele “caríssimo filho em Cristo o célebre e magnífico Rei das Índias e Santíssimo Preste”. Parece ter sido o próprio Filipe o encarregado de levar a carta, mas desconhece-se o que lhe veio a suceder.

8. Chega-se ao séc. XIII, e a lenda continua a entusiasmar o Ocidente.

Ao ser preparada a 5ª. Cruzada (1217 - 1221), o espírito dos cristãos entra numa exaltação de profetismo, entusiasmados com a conquista de Constantinopla e a fundação do Império Latino em 1204. Cresce a esperança numa empresa plenamente redentora; e crê-se que David, de quem alguns textos falam como *rex Judaeorum* é um filho do Preste João, que virá salvar o seu povo, o *populus absconsus* desde Alexandre Magno, (356 - 323 a. C.). Este povo escondido está para lá do mar Cáspio, e seria certamente judeu... Também Tiago de Vitry, bispo de Acre (+_ 1221) se refere a um David, rei das duas Índias, que seria o próprio Preste João e que virá salvar a Cristandade. De acordo com as fantasias da *Carta*, há no seu reino povos canibais, que devoram os mouros, e que são por isso muito úteis na guerra. Por esta data, 1221, Gengis-Khan atingia o Cáspio e era o flagelo do Islão.

Gengis-Khan (1155 - 1226), fundador do império dos Tártaros, venceu muitas guerras, unificou as tribos mongóis e conquistou uma parte da China. O seu reino, que confinava com a Pérsia e o Afeganistão, era o mais vasto do tempo e recebia a vassalagem dos soberanos turcos. Enérgico, audaz, astucioso e cruel, Gengis-Khan foi o terror dos cristãos e muçulmanos. Por isso o imperador Francisco II e os pontífices procuraram o seu relacionamento. Constatou ser cristão, o que não era exacto. Gengis-Khan não defendia ou praticava qualquer religião, mas apenas era tolerante com todas, admitindo no seu império, por conveniência, hinduístas, budistas, muçulmanos, judeus e cristãos.

O Gengis-Khan não podia, pois, ser identificado com o mítico rei-sacerdote Preste João. Em Portugal era conhecido, pois há um Gran Khan que aparece referido nas nossas Cantigas de Escárnio e Maldizer. Podemos citar a cantiga de Pedro Amigo de Sevilha, sobre a tenção entre João Baveca e Pero d’Ambroa (com o n.º. 314, na edição de Rodrigues Lapa):

Sobre que ouveron de pelejar
Joan Baveca e Pero d’Ambrõa?
sobre - la terra de Jerusalem
que diziam que sabian mui ben.

.....
Joan Baveca e Pero d’Ambrõa
ar departiron logo no Gran Can;
e pelejaron sobr’ esto de pran.

A esta cantiga é atribuída a data de 1260, aproximadamente, portanto uma trintena de anos depois da morte de Gengis Khan. Nada nos diz que fosse, entre nós, confundido com o Preste João, o que sucedeu noutros lados. Como já dissemos, o rei-sacerdote incarnou diferentes personalidades. Dada a vastidão territorial da Índia e a indefinição dos seus limites, também o Preste João das Índias foi confundido com David, um rei da Geórgia que defendia as “Portas de Ferro” contra os tão detestados povos de Gog e Magog. Não se sabia quem era, nem onde se situava o seu reino maravilhoso; mas era grande o interesse em conseguir com ele uma aliança.

No Concílio de Lião (1245 - 1247), toma-se a decisão de tentar contactar o Preste João; e João Piano del Carpine é encarregado da missão. Também poucos anos depois, Guilherme de Rubruk é encarregado de idêntica missão (1253 - 1256) por S. Luis, rei de França. Falava-se então na conversão de um rei turco-mongol, que se teria convertido após ter ganho uma batalha. Chamava-se Uang-Khan, mas que, depois do baptismo, teria passado a chamar-se Presbyter Johan. Marco Polo (1271 - 1296) refere esse Uang-Khan, soberano a quem todos prestam vassalagem e que é falado em todo o mundo. A sua localização vai do Gram Cataio à África.

Levado pela imaginação fértil de então, o Preste João situa-se, pois, nos mais variados pontos geográficos. É arménio, é imperador das Índias, é um herói da Tartária... Mas, onde quer que reine, qualquer que seja a sua identidade, é sempre poderosíssimo e cristão, em luta contra o Islão.

9. Também aparece em portulanos e cartas dos séc. XIV e XV, por vezes de báculo e mitra, no Malabar, como sucede no portulano de Marino Sanuto. O portulano catalão da Biblioteca de Florença (1433) tem, na parte oriental a seguinte legenda: “Nesta região reina um grande imperador, o Preste João, senhor dos Índios, que são negros por natureza”. Finalmente situam-no na Etiópia, por aí haver espalhados jacobitas e nestorianos, por entre os coptas do Egipto.

Num planisfério anónimo da primeira metade do séc. XV, a África é limitada ao sul pelo “Mare ethiopiae”; e na parte oriental estão representados três homens com cabeça de cão (o que, segundo a *Carta*, existia no reino do Preste João). A seguir há uma legenda, onde se lê: “Núbia, país dos cristãos do Preste João, cujo império vai das proximidades do estreito de Cádiz para sul, até ao rio do Ouro”. Há um erro geográfico, mas a terra do Preste João está cada vez mais próxima da verdadeira situação da Abissínia. O facto deste país ser cristão foi o motivo que lhe permitiu quebrar um pouco o isolamento em que se encontrava, havendo, desde o séc. XII, referências a peregrinações a Jerusalém, onde existiam dois mosteiros abexins.

Como a nomeação de prelados era sempre feita pelos patriarcas coptas de Alexandria e pelos sultões do Cairo, sempre que algum falecia era necessário enviar uma embaixada ao Egipto. Além disso, esses lugares eram sempre ocupados por monges egípcios, aos quais competia ordenar o clero abexim. Os contactos eram ainda reforçados pela presença de muitos monges abexins em conventos egípcios. Eram os monges que, nas suas frequentes peregrinações a Jerusalém, forneciam notícias suas ao Ocidente. Pelo que, nos séc. XIII e XIV, surgem algumas obras sobre aquele país. Guilherme Adam preocupa-se com a maneira de destruir os sarracenos; e ensinava como se poderia atravessar o seu território, para que as tropas do Ocidente pudessem juntar-se às do imperador etíope. É então que se começa a identificar o lendário Preste João com aquele soberano, como faz na sua obra o dominicano Jourdan de Séverac, bispo de Coulão, em 1324. É uma ideia que, misturada com muita fantasia e *estórias* bíblicas, se vai repetir em várias outras obras de então, o que provoca um recrudescimento do interesse da Europa pelo Preste João.

É certo que, em 1244, havia-se perdido o reino latino de Jerusalém; e com a 7^a. cruzada (1248 - 1254), nada se conseguiu recuperar. Em 1268, perde-se Antioquia. Organiza-se uma nova cruzada, a última, em 1270; mas os resultados colhidos são nulos. O ideal dos cruzados torna-se frus-

tração. No entanto o mito do Preste João continua a alimentar as esperanças dos ocidentais: “O mito é o nada que é tudo”.

Depois da queda de S. João de Acre, em 1291, o desalento dos cristãos leva-os a sugerirem a intervenção da Etiópia cristã; e, em 1309, Marino Sanuto, no seu *Liber Secretorum Fidelium Crucis*, planeia o desembarque dos cruzados no Egipto, onde teriam o auxílio dos “cristãos negros da Núbia e das outras regiões do Alto Egipto”, os quais atacariam por terra. Ora, com a última grande invasão mongol (1336 - 1405), haviam ficado arruinadas definitivamente as comunidades cristãs da Ásia Central. E, deste modo, maiores motivos existiam para a procura do rei-sacerdote em terras africanas.

10. Os primeiros emissários de Roma chegaram à corte etíope em 1316. Era tentador o plano de bloqueio ao Mar Vermelho, sugerido pelo dominicano Guilherme Adam, em 1317, em que interviriam os etíopes cristãos; “povo poderoso que possui cinco reinos, incluindo o país a que se chama Núbia”. Este *povo poderoso* deveria ser o do Preste João; no entanto Guilherme Adam não deveria conhecer a carta apócrifa do séc. XII, em que o próprio Preste diz ter sob o seu poder 72 reinos (na versão seguinte, também em francês, esse número baixou para 42...).

No séc. XV intensificam-se então as relações com a Etiópia. Em 1402, no reinado do negus David I (1382 - 1411), chega a Veneza uma embaixada enviada por este rei. David I havia transformado a luta contra o Islão numa guerra santa, pelo que deseja um bom relacionamento com a Europa cristã, tal como esta o desejava desde já há algum tempo. Com os membros da embaixada vão para a Etiópia alguns artistas italianos. E os contactos sucedem-se. Poucos anos depois, em 1408, é em Bolonha que são recebidos os enviados do Preste João; e, em 1441, chegam a Florença alguns delegados etíopes da comunidade de Jerusalém. Vinham tomar parte no concílio, após contactos entre o Papa e o Patriarca de Alexandria. Também Afonso V, rei de Aragão e Nápoles, recebe, em 1427, uma embaixada do negus Yetshaque, com uma proposta de aliança contra o Islão. Foi também Yetshaque que enviou uma embaixada ao duque de Berry. Outros imperadores, Zara Jacob (1434 - 1468) e Baeda Maryam (1468 - 1478) corresponderam-se mesmo com o Papa e com Afonso V de Aragão.

Em 1450, vem uma nova embaixada etíope que é recebida em Nápoles; e, em 1481, o Papa Sisto VI recebe uma missão vinda igualmente da Abissínia. Também em 1450 - 1451 o imperador etíope enviou uma

embaixada ao rei de Aragão. Foi um dos membros dessa embaixada que se separou do grupo e veio a Portugal; e em 1452 assinalamos a presença de um abexim, chamado Jorge Sur, de quem se diz ter vindo de Roma. Faz-lhe referência um documento da Chancelaria do nosso D. Afonso V, designando-o por “embaixador do Preste João”. Como o interesse nestes contactos era recíproco, alguns mensageiros são enviados à Etiópia.

De França, partem emissários do Duque de Berry, com mensagens para o negus, atingindo Choa entre 1430 e 1432. Em 1482, Sisto VI, após ter recebido uma embaixada no ano anterior, é agora a sua vez de também enviar uma embaixada ao reino do Preste João. Entretanto, na cartografia, começa a notar-se um maior rigor nas anotações, resultante certamente de informações pormenorizadas, fornecidas pelos delegados etíopes ao concílio de Florença, ou por membros das embaixadas, e talvez também pelos monges da comunidade de Jerusalém. Depois de Marco Polo, eram grandes os progressos feitos na cartografia: no atlas catalão, de 1375 - 1380, no planisfério catalão de meados do séc. XV, e no mapa de Fra Mauro, de 1460, para citar apenas os mais notáveis.

Contudo, os conhecimentos geográficos relativos ao Nilo eram os mesmos dos séculos anteriores, de acordo com o saber de Edrise, Santo Isidoro de Sevilha, Pompónio Mela e Paulo Osório. Só no séc. XVI as navegações portuguesas puderam impor novos conhecimentos geográficos e o desfazer de muitas lendas. Só então o Senegal deixou de ser um braço do Nilo.

O mundo maravilhoso que se descreve na carta apócrifa, com riquezas fabulosas, animais fantásticos e águas miraculosas, nada tinha a ver com aquele que os navegadores portugueses, venezianos, genoveses ou catalães agora começavam a conhecer. Todavia, continua a crer-se na existência de homens com cabeça de cão ou com quatro olhos. Era difícil deixar morrer o mito, porque os interesses comerciais tinham muito peso.

11. E em Portugal, o que se passava então?

D. Afonso, conde de Barcelos, filho natural de D. João I, fora em peregrinação à Terra Santa, por volta de 1410. No regresso de Jerusalém, D. Afonso esteve em Veneza, foi acolhido com muita honra e, dessa viagem, deve ter trazido preciosas informações. Porém, quem mais informações deve ter fornecido sobre aquela parte do mundo ainda tão mal conhecido, foi antes o seu irmão D. Pedro, de quem se dizia ter percorrido as sete partidas do mundo. O Infante D. Pedro (1392 - 1449), duque de Coimbra, saíu de Portugal em 1418; e tanto viajou que Gomes de Santo

Estêvão, um dos doze que o acompanharam, deu a uma sua obra o seguinte título: *Livro (ou Auto) do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo*. Depois de quatro ou cinco anos pela Europa, D. Pedro tomou a direcção da ilha do Chipre e seguiu o itinerário dos cruzados. Foi recebido pelo sultão turco Amurat II em Patras, passou pelo golfo de Lepanto, visitou Constantinopla e talvez uma parte da Ásia; em seguida esteve no Egipto, do Cairo seguiu para babilónia, regressou a Alexandria e ao Cairo. Decidiu ir às terras do Preste João e partiu em direcção à Palestina. Visitou os Lugares Santos e veio de novo ao Cairo. Daí partiu para lugares incertos de onde só se têm vagas notícias. Depois atravessou o Mediterrâneo e visitou a Europa, até aos países nórdicos, de onde regressa a Veneza. Aí lhe oferecem o livro de Marco Polo e mapas de terras longínquas. Em Maio de 1428 está em Roma, e nesse mesmo ano está de volta a Portugal. Inteligente e culto, após um tão longo deambular, quantas informações valiosas não terá fornecido ao “irmão navegador”?!

Em 1453 é a tomada de Constantinopla, o que impede o acesso ao mar Negro; e o mar Vermelho torna-se a estrada comercial que leva aos portos do Oriente. Uma aliança com o Preste João seria cada vez mais desejável, pois era o reino cristão que, pela rectaguarda, poderia proteger os navegadores europeus dos ataques do Islão. Portugal, Aragão e as repúblicas italianas continuavam a tentar uma tão promissora aliança. Contudo o Preste João continuava a reinar em local duvidoso, porque persistia a confusão entre a Índia e a Etiópia. Em 1454, D. Afonso V refere, numa carta régia, que o infante D. Henrique mandara conquistar “as praias de Guiné de Nubia e Etiópia”, como se este país fosse banhado pelo Atlântico. E Duarte Pacheco Pereira (1460? - 1533) estava convencido de que o Senegal era o *princípio* dos etíopes e que a Etiópia baixa ocidental descia pela costa até ao Cabo da Boa Esperança. A confusão agora não era com a Índia, mas com a Guiné, ou melhor, com a terra dos homens negros da carapinha. Deste modo, por meados do séc. XV, é através da África Ocidental que se procura obter informações sobre o reino do Preste João, por se crer poder lá chegar seguindo o rio do Ouro.

D. João II, (1455 - 1495), após ter enviado emissários à procura de informações, deverá ter confundido o rei africano Ogané com o Preste João. Os negros de Benim falavam do reino de Ogané, situado a vinte luas de jornada para o nascente, o que correspondia aproximadamente a 250 léguas (para cima de 1000 Km). O Ogané devia ser o senhor de terras ao

sul do Egípto. Segundo João de Barros (*Década* I, livro III, c.5), de tal modo D. João II esperava contactar o Preste João que lhe enviou uma carta: “Ordenou mais El - rei com o mesmo Marcos que trasladasse uma carta pera trez ou quatro vias, a qual mostrava ser dele Marcos enviada ao Preste João”. Lucas Marcos era um monge abexim que se encontrava em Roma e viera a Portugal. D. João II fizera-lhe um inquérito linguístico, no sentido de formar uma lista das palavras mais correntes da língua etíope, para ser utilizada pelos descobridores portugueses: ao atingirem terras na costa africana, comparariam essas palavras com as locais, e assim tentariam perceber se estavam próximos ou longe das terras do Preste João. Um parentesco vocabular seria um sinal de proximidade geográfica. Esta pesquisa, porém, perdeu todo o seu significado, logo que foi dobrado o Cabo da Boa Esperança. O trajecto a seguir é agora através do mar Vermelho.

Depois de ter enviado dois frades que só chegaram a Jerusalém e regressaram sem trazer as desejadas informações, D. João II envia então dois homens com melhor preparação, sobretudo por saberem exprimir-se em árabe - Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, que saíram de Santarém a 7-V-1487. Depois de muitas andanças, graves perigos e maiores peripécias, Afonso de Paiva morre no Cairo e Pero da Covilhã chega à Abissínia em 1494, de onde não mais voltou, por não ter conseguido que o soberano o autorizasse a regressar. Aprendeu a falar e a escrever o abexim, conviveu com o pintor veneziano Nicola Bianca Leone, fez fortuna, casou e teve filhos. Não regressou, mas deu notícias ao rei.

Em 1498, chegam os portugueses à Índia e encontram a força do Islão por aí bem estabelecida. Por isso, ao defrontarem-se com o poderio muçulmano no Mar Vermelho, de novo surge a necessidade de uma aliança com o lendário rei-sacerdote. Depois de terem verificado que a Abissínia não se situava na costa ocidental da África, os portugueses começaram então a procurar atingi-la pela costa oriental e pelo mar Vermelho. Segundo notícias colhidas por Vasco da Gama, na primeira viagem à Índia, o fabuloso reino não chegava ao mar, mas ficava no “interior das terras”. As desilusões sucediam-se; todavia maior era a perseverança dos monarcas portugueses.

12. No séc. XVI, prosseguem os esforços para encontrar o Preste João; e, em 1506, faz-se uma terceira tentativa, enviando João Gomes e João Sanches, com Sid Mohamed, na armada de Tristão da Cunha. Desembarcaram em Melinde e lá permaneceram até que, em 1508, aí

chega Afonso de albuquerque, que os faz seguir caminho e lhes entrega cartas em arábico e em português. Não regressam a Portugal, mas sabe-se que João Gomes chegou à Abissínia, por uma carta a Afonso de Albuquerque, de 16-XII-1512. Mais ainda: era o tempo de Helena, rainha regente, culta e piedosa, que muito se interessou por Portugal; e que enviou uma carta ao nosso rei D. Manuel, pela mão de Mateus, seu embaixador, que chega a Lisboa em Fevereiro de 1514. Esta carta encontra-se, com pequenas alterações, em Fernão Lopes de Castanheda, Livro III, cap. 98; na *Crónica de D. Manuel*, de Damião de Góis, na *Carta das Novas que vieram a el Rey Nosso Senhor do Descobrimento do Preste Johã* (Lisboa, 1521) e no Códice de Alcobaça, nº. 297. A rainha Helena trata D. Manuel por “seu irmão” e propõe-lhe ajuda por terra, contra os infiéis.

Sobre a identidade de Mateus, há várias versões: arménio, muçulmano recém-convertido, cristão egípcio, cunhado do imperador etíope... O que parece ser certo é que era branco, cristão, de meia idade e de porte distinto, casado e acompanhado pela esposa e uma sua dama de companhia. O seu nome etíope era Abraão, segundo informou o Preste João na sua carta a D. Manuel. São muito interessantes as peripécias relativas à viagem de Mateus; mas não podemos aqui referi-las por não caberem no âmbito deste trabalho. Diremos muito resumidamente que Mateus foi considerado como um espião e embusteiro pelos oficiais do barco que o trouxe, foi agredido fisicamente, posto a ferros e roubado. À chegada a Lisboa os seus agressores fugiram e D. Manuel recebeu-o com todas as honras, como um enviado do Céu, tendo escrito imediatamente cartas para Veneza, Castela e Roma, a dar a notícia. Leão X oferece-lhe então a “Rosa de Ouro” que envia em 1-V-1514, juntamente com a bula *Consecravimus more maiorum*. Iguamente exultante de alegria ficou Afonso de Albuquerque, sobretudo ao saber do bom acolhimento feito pelo rei a Mateus, porque o Preste João era um elemento importante na realização dos seus planos! Tinham falhado as intrigas para boicotar os projectos expansionistas tanto do rei como do Vice-Rei; e, agora, a primeira mensagem autêntica do Preste João chegara às mãos de D. Manuel! Já na posse de informações sobre a constituição geográfica do país, Afonso de Albuquerque retoma um projecto que vinha já de alguns séculos atrás: desviar o curso do Nilo para aniquilar o Egípto.

É de 1317 a obra de Guilherme Adam, *Sobre a Maneira de Destruir os Sarracenos*; e também Afonso V de Aragão havia tido uma visão estratégica semelhante à de Afonso de Albuquerque. Por isso desejava este Vice -

Rei que lhe sejam mandados homens da ilha da Madeira, com prática do corte de levadas através das serranias, para desviarem as águas do Nilo. Realizado este projecto, o Preste João teria todo o poder em terra; e Portugal manteria a sua superioridade no mar, o que lhe permitiria o domínio do comércio das especiarias, por via marítima. Paradoxalmente, este projecto fora elaborado num momento em que, após a conquista de Goa e Malaca, o poderio português tendia a fixar-se mais a Oriente.

Estava finalmente bem localizado esse mítico país do Preste João, tão sonhado, imaginado e procurado desde o séc. XII. Entusiasmado, Damião de Góis referiu a vinda do embaixador Mateus, no folheto *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis, ad Emanuelem Lusitaniae Regem, Anno Domini MDXIII*. E a relíquia do Santo Lenho, que a rainha Helena enviara a D. Manuel, foi depois mandada ao papa Adriano VI, em 1522, como oferta de D. João III (Cf. Frei Luis de Sousa, *Anais de D. João III*, vol.I).

Persistia o ideal de cruzada - Jerusalém seria libertada - e, pela aliança ao mítico Preste João, alargar-se-ia a fé e o império. Nesse sentido, D.Manuel nomeara o velho cronista Duarte Galvão, em 1513, como embaixador ao Preste, a quem levaria um rico presente. Lopo Soares de Albergaria, sucessor de Afonso de Albuquerque, sai, pois, de Lisboa em 1515. Na sua armada seguem o septuagenário Duarte Galvão, o embaixador etíope Mateus e o Pe. Francisco Álvares. Surgem problemas e atribulações, morre Duarte Galvão, e tudo isto é causa de demoras. Diogo Lopes Sequeira, que sucede a Lopo Soares de Albergaria, reorganiza, em 1520, a embaixada ao Preste João, a qual, chefiada por D. Rodrigo de Lima, chega à “terra ambicionada” em 1521. Finalmente tinha-se chegado ao país das maravilhas, com águas miraculosas, ouro e pedras preciosas, poderio, riqueza e felicidade, as grandezas apregoadas pela carta apócrifa do séc. XII.

Nesse ano de 1521, ao receber D. Manuel a notícia de que a embaixada enviada ao Preste João, na companhia de Mateus, entrara finalmente na “terra procurada”, foi publicada então a *Carta das Novas que vieram a El - Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João* (Lisboa, 1521). Dela se fez uma versão latina, intitulada *Epistola Super foedere cum Presbytero Ioanne*. Também em Lisboa, e no mesmo ano, foi traduzida em francês. O sucesso e o interesse por estas notícias foi tal, que, pouco depois, era traduzida e publicada em Roma. A Portugal coube a honra de difundir pela Europa as primeiras notícias autênticas sobre as terras do

Preste João. Igualmente foi publicada a carta que a rainha Helena enviara a D. Manuel, em versão portuguesa: *Trelado da carta que ho Preste Johan enviou a el Rey nosso Senhor, por seu embaixador Matheus, no anno de mil e quinhentos e quatorze*. Apensa ao opúsculo da *Carta das Novas*, também ela percorreu a Europa.

Estava “firmada a sacrossanta aliança da nossa Fé”, assim escrevia D. Manuel ao Papa, na carta de 8-V-1521.

13. Entretanto a embaixada portuguesa permanece no país do Preste João. Durante estes anos (partida de Lisboa em 1513 e chegada a Abissínia em 1521) deteriora-se o presente riquíssimo enviado por D. Manuel; e houve a necessidade de improvisar um outro, francamente inferior. Todavia dele constava algo muito importante: um mapa - mundi, para mostrar aos etíopes que “a terra é redonda”.

No livro que depois escreveria, *Verdadeira Informação das terras do Preste João das Índias* (1540), o Pe. Francisco Álvares dá-nos conta de como foram recebidos pelo Preste João, que não era “Preste”, nem se chamava “João”. Faremos agora uma análise ao nome desta personagem lendária. *Preste* não oferece qualquer dificuldade: trata-se de uma forma derivada do latim eclesial *presbyter*, que, por sua vez, deriva do grego *presbyteros*. *Preste* era a palavra utilizada no francês arcaico com o significado de “aquele que se ocupa da salvação dos fiéis”, forma que existia igualmente na língua castelhana. A *preste* corresponde o *prêtre* do francês contemporâneo (=padre, sacerdote).

Quanto a *João*, já é mais problemático. Primeiramente devemos informar que não se trata de um antropónimo, como poderia julgar-se por haver esse mesmo nome nas línguas ocidentais. Ele é, afinal, apenas a adequação fonética e gráfica a esse nome. Alguns autores têm pretendido derivar o siríaco *Juhanan* de *Jur - Khan*, título usado pelos descendentes de Ye - liu Ta-che. Outros admitem tratar-se de *Vizan*, um discípulo de S. Tomé, seu sucessor espiritual na comunidade cristã da Índia. Trata-se de um nome persa que figura nas *Actas de S. Tomé*; e que, trasladado para siríaco, se tornou no equivalente de João. De “Preste João” como título e não antropónimo se deu conta Francisco Álvares : visitou uma igreja onde jaz um “Preste João” ; e refere-se a outros “Prestes João”. Quando fala do imperador, diz sempre o Preste João, mas sabe que não é esse o seu nome próprio. A própria rainha Helena era um “Preste João”, o que mostra claramente tratar-se de um título, ou cargo.

Francisco Álvares descreve como decorreram os seis anos que aí permaneceu, observando e interrogando, e de tudo tomando nota. Mais

desiludido do que encantado. Afinal, a célebre *Carta* descrevia um país de sonho, que em nada correspondia à realidade: havia ali miséria, crime, ódio, apedrejamentos, guerra, fome, roubo, crueldade. Nada das grandezas e maravilhas anunciadas.

Foi o desmoronamento do mito do Preste João. A Abissínia, Abássia ou Etiópia, era um país semi-bárbaro, sem interesse político, sem capacidade militar, cristão sim, mas herético; que em nada contribuiria para o nosso projecto comercial. Inútil para nos ajudar, tanto no alargamento da fé como do império.

Desapareceu o patético, o grandioso, o fantástico da *Carta* do séc. XII. Afinal o “palácio de cristal” onde o Preste João reside é apenas uma tenda de nómada. Com Francisco Álvares passa-se do sensacionalismo à observação atenta e à descrição do real, em pormenor, mais com objectivos utilitários do que com preocupações estéticas, embora não alheio à qualidade literária. Vale a pena citar, a este respeito, a descrição - retrato do Preste João (p.161) em que ocupa 18 linhas.

A primeira edição da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias* é de 1540. O sucesso foi tal que, logo no séc XVI foi traduzido em quatro línguas europeias, com sete edições : três em castelhano; duas em francês; uma em italiano; e uma em alemão. Era a primeira informação científica, sobre o Preste João, que a Europa conhecia; daí o seu entusiasmo. Em português, nos séculos seguintes, foram ainda feitas mais três edições, sendo a última de 1974. Quanto a traduções, houve mais uma em francês, em 1830; duas em inglês, em 1881 e 1961; e uma em amárico, em 1966. O sucesso da obra do Pe. Francisco Álvares foi, pois, enorme.

A *Verdadeira Informação das Terras do Preste João* contém, na Parte II, a tradução de três cartas enviadas pelo Preste João : a Diogo Lopes de Sequeira, capitão-mor da armada (cap.II); a D. Manuel (cap.VII) e a D. João III (cap. VIII). Em todas estas cartas o imperador enumera os seus ascendentes bíblicos; faz protestos de amizade e colaboração com Portugal na guerra contra os mouros; e pede o envio de artistas nossos, de todos os ofícios, sobretudo que saibam trabalhar os metais e fabricar telhas, pois só sabem cobrir as suas casas com ervas. Como a realidade era diferente daqueles palácios descritos na *Carta* do séc. XII !...

O Preste João intrigou, entusiasmou, incentivou, dinamizou. Foi estímulo contra o Islão. Mas o Preste João do Pe. Francisco Álvares em nada se pode identificar com o Preste João da *Carta* . Afinal quem era o Preste João?

A procura do Preste João permitiu e favoreceu um encontro de culturas, de que o homem saú mais rico. O contacto com o diferente, sendo um convite à reflexão, deu ao homem ocidental a consciência do relativo e abriu-lhe o espírito no sentido do ecumenismo - apreço pelo *Outro*, desabsolutização e desabrochar de tolerância.

Basta que recordemos o *Regimento* que o capitão Lopes de Sequeira deu ao embaixador D. Rodrigo de Lima, em 25-IV-1520. Devia este observar tudo o que se passava no reino do Preste João, indagar, ver e ouvir, para informar o rei. Porém, a primeira regra era essencial : o respeito pelos costumes e crenças alheias, estando-lhe proibido qualquer discussão que perturbasse “toda a paaz e boa concordia”. Um caminhar para o humanismo filantrópico. Mas a Etiópia desiludiu o Ocidente.

14. Houve na Etiópia uma dinastia de reis Salomónidas, que se davam como descendentes de Salomão, rei de Israel (\pm 970-931 a.C.) e da rainha de Sabá (hoje Yemen). Ora, tendo em conta que outros reis etíopes se consideravam descendentes dos Magos idos adorar Jesus no presépio, compreendemos como eram fortes os motivos que tinham os imperadores etíopes para se sentirem superiores. O imperador David, aquele que reinava aquando da embaixada portuguesa, gosta de alongar-se, nas suas cartas, a enumerar os seus ascendentes. Ele é o “Incenso da Virgem” e da linhagem de reis e patriarcas bíblicos. Profundamente cristão, ele invoca a Cristo, incessantemente, num ódio profundo a todo aquele que não é cristão. Porém, a sua doutrina não só estava afastada da seguida pelos europeus, como a fé abexim, dividida por confusos conflitos e enfraquecida após a ocupação turca, em 1558, passou a ser renegada.

Eram estes reis salomónidas que governavam a Abissínia no tempo dos contactos com Portugal. Houve grande prosperidade no reinado de Lebna Dengel (1508 - 1540). Este foi porém derrotado antes que os portugueses tivessem podido combinar o plano para evitar o avanço dos turcos pelo Mar Vermelho. A frota otomana derrotou a portuguesa, em 1541; e Cristóvão da Gama (filho de Vasco da Gama) que havia desembarcado 400 homens para socorrer os etíopes, foi preso e martirizado. Igualmente perdeu a vida o jovem negus Claude, aliado dos portugueses.

O Preste João poderoso e rico, cuja aliança tanto se tinha desejado, era afinal alguém que precisava da nossa ajuda. Lenda que se fez história e acabou em trágica epopeia.

Depois do regresso do Pe. Francisco Álvares, a Europa, embora desiludida com a “pequena magnificência” do Preste João, continuou ainda a interessar-se pela Etiópia; e Roma para aí envia, em 1554, alguns jesuítas conduzidos pelo bispo espanhol André d’Oviedo. Mas os seus esforços para “catolicizar” os etíopes foram vãos e mais um sonho se desfez, ao aproximar-se o fim do século.

Figura mítica, misto de autoridade religiosa e política, sacerdote cristão e monarca oriental poderosíssimo, a reinar em lugares incertos, inacessíveis, misteriosos. Figura compósita, formada a partir dos mais diversos elementos, característicos de um fantástico Oriente, eivado de latinidade. Zan e Preste, lenda, mito e história eivada de estórias. O real e o fabuloso entrelaçados. Um fabuloso que foi impulso ao facto histórico: procurar até encontrar. Um mito condutor e produtor de alargamento de horizontes, num precisar de conhecimentos geográficos e históricos. Em 1540, com a publicação e divulgação, pela Europa, do relato da sua estadia de seis anos, no reino do Preste João, o Pe. Francisco Álvares dava, pois, o golpe de misericórdia naquele que foi criação mítica surgida de um anseio colectivo, no tempo das Cruzadas.

Bibliografia

- J. ALVES CORREIA, *A dilatação da fé e do império*, Lisboa, 1936;
- AFONSO DE ALBUQUERQUE, *Cartas seguidas de documentos que as elucidam*, 7 vol., Academia de Ciências de Lisboa, 1884 – 1935; *Por mar e terra. Viagens de Bart. Dias e Pero da Covilhã*, Bibl. Nacional, 1988;
- MARCO POLO, *As viagens de M.P. Europa-América* (livros de bolso n.º 294) s.d.;
- D. JOÃO BERMUDEZ, *Breve Relação de embaxada que o Patriarca dõ João Bermudez trouxe do Emperador de Ethiopia, vulgarmente chamado Preste João*. Lisboa, 1565. Reimpressão, 1854;
- MIGUEL DE CASTANHOSO, *História das coisas que o mui esforçado capitão D. Christóvão da Gama fêz nos Reynos do Preste João*. Lisboa, 1564. Edição com grafia moderna A. C. Pires de Lima. Porto, 1936;
- FRANCISCO ÁLVARES, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*. Lisboa, 1540 e 1974; F. L.
- DE CASTANHEDA, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. I, II, III, IV. Lisboa, 1551. Coimbra, 1924;
- GASPAR CORREIA, *Lendas da Índia*. II, III, IV. Escritas entre 1512 e 1561. Publicadas em Lisboa em 1858–66. Reimpressas em Coimbra, 1924;
- JOÃO DE BARROS, *Décadas da Ásia*. I, II. Lisboa, 1552. Lisboa, 1946;
- BRAZ DE ALBUQUERQUE, *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*. Lisboa, 1557. Coimbra, 1923;
- DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do felicíssimo Rei D. Emanuel*. Lisboa, 1556. Coimbra, 1923; Idem, *Fides, Religio, Moresque Aethiopum Sub Imperio preciosi Joannis*. Lovaina, 1540. Idem, *Cartas das Novas que Vieram a êl-Rey Nosso Senhor do descobrimento do Preste Joham*. Lisboa, 1521. Londres (Museu Britânico), 1938; A.
- D. VON DEN BRINCKEN, *Nationes christianorum orientaliun*, 1973;
- J. RICHARD, “L’Extrême Orient légendaire” in *Anuales d’ Ethiopie*, 1957; J. P.
- OLIVEIRA MARTINS, *A lenda do Preste João nas chronicas portuguezas*, in *Portugal nos Mares*, t. II, cap. I, Appendice B, 1924;
- C. MARINESCU, *Le prêtre Jean, son pays, origine de son nom*, in “Bulletin de la Section historique de l’Académie Roumaine”, Bucarest, t. x. 1923;

- CHARLES DE LA RONCIÈRE, *La découverte de l'Afrique au Moyen Âge*, Cairo, 3 vols., 1924–7;
- DENISON ROSS, *Prester John and the Empire of Ethiopia*, in *Travel and Travellers of the Middle Age*, direcção de A. P. Newton. Londres, 1930;
- DUARTE LEITE, *O Preste João das Índias (1941)*, in *História dos Descobrimentos*, vol. I. Lisboa, 1959;
- VSEVOLOD SLESSAREY, *Prester John – The letter and the legend*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1959;
- A. A. R. JANIN, *Les Églises Orientales et les Rites Orientaux*, Paris, 1955;
- JEAN DORESSE, “*L’empire du Prêtre Jean*”, vol. I: L’Ethiopie Antique, vol. II: L’Ethiopie Médiévale, Paris, 1957;
- FRANCIS M. ROGERS, *The Quest for Eastern Chritions, travels and rumor in the age of discovery*, Minneapolis, 1962; Idem, *O Sonho de unidade entre Cristãos Ocidentais e Orientais no Século XV*, Universidade da Baía, 1960;
- ELAINE SANCEAU, *Em Demanda do Preste João*, 3ª. Ed., Porto, 1956;
- A. TEIXEIRA DA MOTA, “*A viagem de Bartolomeu Dias e as concepções geopolíticas de D. João II*”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Outubro – Dezembro de 1958;
- JEAN AUBIN, “*L’ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel*”, in *Mare Luso – Indicum*, vol. III, Paris, 1976; Idem, “*Le Prêtre Jean devant la censure portugaise*”, in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, t. 41, Paris, 1980;
- AURÉLIO DOS SANTOS, *Los Evangelhos Apócrifos* (edição bilingue, grego ou latim e tradução castelhana), Madrid, 2ª. Ed., 1963;
- DOMINGOS MAURÍCIO, “*A carta do Preste João das Índias e seu reflexo nos descobrimentos do infante D. Henrique*”, in *Brotéria*, 71 (1960); Idem, “*Ainda a carta do Preste João das Índias*”, *ibidem*, 72 (1961);
- CONDE DE FICALHO, *Viagens de Pêro da Covilhã*, Lisboa, 1898 (edição fac. simulada, Lisboa, 1988);
- LUIS, FILIPE THOMAZ, “*Portugal et l’Afrique au XVe. siècle: les débuts de l’expansion*”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa – Paris, vol. XXVI, 1989; Idem, “*O projecto imperial joanino (tentativa de interpretação global da política ultramarina de D. João II)*”, in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época – Actas*, 5 vols., Porto, vol. I, 1989; Idem, “*L’idée impériale manueline*”, *La Découverte, Le Portugal et l’Europe*, Paris, 1990.

